

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANABARA

DATA: 22/5/1968 AUTOR: WALMIR AYALA

TÍTULO: PINTURA E VIDA

ASSUNTO: AYALA ACONSELHA ALGUNS ARTISTAS A VISITAREM O ATELIER DE IVAN

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

PINTURA E VIDA

"Sem pensar muito eu diria que o artista pinta para viver. Divide a palavra viver em quantas facetas puder. A resposta deve estar aí" (Mark Tobey). Anotamos a frase do artista americano Tobey, de uma de suas cartas, tomando-a como lema de entrada no Salão Nacional de Arte Moderna e perguntamos: até que ponto os artistas que ali se apresentam estão vivos? Até quando querem estar? Quantos pintam realmente para viver, ou para viajar, distrair-se, anestesiá-lo e quantos vícios o pânico do nosso tempo concede ao homem desorientado? Esta pergunta, esta silenciosa e pungente pergunta me leva para um quarto dos fundos deste salão, onde três naturezas mortas, perfeitas e discretas como o gume de uma faca cintilante, vibram claras como a mais clara das respostas. São três naturezas mortas de Jacinto de Morais, uma das mais antigas isenções destes legendários salões. Mas não são poucos os que estão vivos. Diríamos mesmo que a comissão julgadora selecionou com acerto todos os que respiravam. Dever ter deixado, por circuito, alguns vivos ao desamparo. Errar, enfim, é humano. Mas não há nada que esteja apodrecendo dentro daquele Salão 17.º. A não ser algumas isenções que infelizmente ainda são vitalícias, e sobre as quais a Comissão não tinha poder. Mas se tivesse... Logo de entrada temos uma bela parede. A paisagem e as figuras de José Carlos Nogueira da Gama, desfigurando como sempre a matéria, pesquisando profundidades que neste ano são dadas por tênues formas de cor sobre um desenho sensível. Francisco Ferreira, invadindo luxuosamente uma nova figuração, num colorismo agressivo, explorando aquela motivação das entranhas que é uma agradável constante nesta mostra; de um lado a nostalgia do ventre materno, a dependência do cordão umbelical, o rosto voltado obscuramente para o nada, de outro a pesquisa da célula e do universo entranhado na matéria. Pesquisas bem adequadas ao nosso tempo, quando os teólogos situam o redescobrimento de Deus através da conquista científica da matéria, por amor à matéria, numa perplexa religião amorosa da matéria.

Temos ainda a pintura, melhor dizendo, a pincelada expressiva, de Décio Vieira, vibração de uma grande forma rotativa, abstrata mas plena de pungente calor humano. Viva, mas prejudicada, a pintura de Maria do Carmo Secco, enjaulada entre os painéis, gritando por um socorro que não vem, num recinto mal acabado. Entre os novos: Cláudio Paiva, com três desenhos e uma pintura, num exato exercício de seleção dos objetos da mitologia banal cotidiana,

dentadura, chapéu, e o nó de junção que vai retratando o homem no simples encontro das formas que o aprisionam (vestem e estruturam). Vanda Pimentel, com natureza morta de quarto de costura; Sami Matar em espaçosas elucubrações sobre o rosa; Ismênia Coaraci e sua matéria rompida por espectros, olhos por detrás de cascas noturnas e palpitantes de morte. Maria Matos na qual saudamos a invasão do Salão Acadêmico, prêmio de viagem naquele Salão (não apertem o nariz pois a nossa esperneante vanguarda está cada dia mais acadêmica), agora participando, e com força, no Salão dito moderno. Ana Maria Amaral, numa figuração espontânea, de ingênua e tortuosa concepção interior, com cores que não dissimulam, numa deformação convincente. Mieticheschy, um talento que precisa se libertar de certos cacoetes de seu grupo. Há uma escolinha que traça a figura humana dentro de um cadinho inconfundível. De onde vem, para onde vai? Os novíssimos precisam se libertar dessas comodidades.

Há ainda a solidez de Gerson, na escultura e na pintura o mesmo luxo generoso, a matéria compacta, a figura que se comunica numa nobre e orgulhosa solidão. Solidão dos humildes. Elsa de Sousa, Iapohi, Chanina, Mimina, ala dos primitivos que ainda justificam o exercício ingênuo. Outro dia eu ouvia e via o sambista Ismael Silva e pensei: "A pintura primitiva é assim, e se pode chegar a ser isso, é tão importante como qualquer outra. Basta que tenha a voz rouca, o português talhado, a modulação singela, a história piegas e a lição universal do mestre Ismael". Voltando ao Salão: Anísio Dantas, um pintor que dará o que falar, e muito breve. Bom, severo e simples. Um dos muitos que introduzem o texto como elemento plástico. Lembramos Stuart Davis: "A palavra está presente em toda a parte na vida moderna; sofremos um bombardeio de palavras. Mas sob o ponto-de-vista físico as palavras são formas também." Lembro do Anísio Dantas dizendo: "Eu queria uma frase como um arabesco, nada mais." Certo Anísio está no Salão com uma voz muito clara, muito além do que a palavra é, com a palavra de seu depoimento pulsante. Ainda: Nisete Sampaio, Ricardo Gatt, Celso Barbosa, Evani Fanzeres (visite Ivã Serpa, o mais depressa possível), Tarcísio, Inácio Rodrigues, todos novos e donos de uma disciplina inicial. Todos estes e mais alguns de que falaremos amanhã estão vivos, vivíssimos, fazem de seu trabalho uma forma de viver, não podem ser negados.

JB 22/5/68 p. 2